Real Demais para Esquecer

Eles conheciam as palavras um do outro. Agora precisam conhecer a verdade.



Laura Bellini

Real Demais para Esquecer

Eles conheciam as palavras um do outro.
Agora precisam conhecer a verdade.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384904121

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - A voz do outro lado 12
Capítulo 2 - Sem anonimato 26
Capítulo 3 - Tudo o que não se ouve 41
Capítulo 4 - Nem tudo pode ser escrito 52
Capítulo 5 - O direito de dizer não 65
Capítulo 6 - Onde as palavras terminam 77
Capítulo 7 - Do outro lado do beijo 89
Capítulo 8 - A luz fora do estúdio 102
Capítulo 9 - O preço de uma voz 114
Capítulo 10 - A verdade dita em um sussurro 126
Capítulo 11 - O que eu realmente preciso 139
Capítulo 12 - A data que eu não conseguia esquecer 152
Capítulo 13 - Condições que não vou aceitar 163
Capítulo 14 - Entre o que sinto e o que sei 174
Capítulo 15 - Tudo o que você sabia 185
Capítulo 16 - O silêncio que escolhi 198
Capítulo 17 - Com a minha própria voz 209
Capítulo 18 - Sem direito a uma resposta 219
Capítulo 19 - Dos dois lados da verdade 229
Capítulo 20 - Real Demais para Esquecer 240

INTRO

Pela primeira vez em três anos, eu pretendia fazer algo exclusivamente por mim. Sem consultar ninguém sobre a decisão, sem explicar por que valia a pena correr o risco e sem deixar para mim mesma uma rota de fuga conveniente. Naquela tarde de sexta-feira, eu estava diante das portas de vidro de um estúdio de rádio em Bydgoszcz, com o laptop debaixo do braço e uma pasta contendo um projeto que poderia mudar minha vida profissional. No bolso do casaco, levava o celular com uma mensagem de um homem que eu nunca tinha conhecido pessoalmente. Pelo menos era o que eu acreditava naquele momento.

Atrás do vidro, alguém ajustava um microfone. A luz vermelha sobre a entrada da sala de controle continuava apagada, mas pelos alto-falantes do corredor chegava um trecho de gravação: uma voz feminina contando sobre o retorno a uma casa que já não existia. Parei por um instante ao reconhecer uma leve distorção no fim da frase. Em vinte e oito anos de vida, eu aprendera a ignorar muita coisa, mas um compressor mal regulado não estava entre elas.

— A senhora veio para o workshop? — perguntou a recepcionista.

— Sandra Wrona. Edição de som.

A mulher encontrou meu nome na lista e me entregou um crachá.

— Grupo dois. Sala no fim do corredor. O instrutor pediu que todos deixassem os materiais no disco compartilhado antes do início.

— E se eu preferir apresentar os meus pessoalmente?

A recepcionista sorriu com aquela paciência profissional de quem já ouvira perguntas semelhantes muitas vezes.

— Nesse caso, terá de convencer o instrutor.

Era exatamente o que eu pretendia fazer.

Eu tinha vindo participar de um workshop de seis semanas sobre produção de radionovelas, trazendo comigo um projeto documental próprio. O título provisório era "Entre as Frases", e ele reunia vozes de pessoas que, durante anos, mantiveram relações próximas sem jamais terem visto aqueles com quem conversavam. Não me interessavam golpes na internet nem histórias sensacionalistas. Eu queria entender o que acontecia com alguém quando a voz de outra pessoa, ou suas palavras escritas, se tornava mais importante do que sua presença.

O tema não era por acaso.

Havia quase dois anos, eu trocava mensagens com alguém que usava o pseudônimo Norte na internet. Nós nos conhecemos em um pequeno fórum dedicado a radionovelas, durante uma discussão sobre o final de um programa. Eu achava que a protagonista deveria ir embora. Ele dizia que, às vezes, coragem significava ficar. Discutimos durante três noites antes que ele admitisse que meus argumentos eram melhores.

Desde então, conversávamos quase todos os dias.

Não sabíamos os sobrenomes um do outro, nem nossas profissões ou endereços exatos. Ele sabia que eu morava em Bydgoszcz e trabalhava com som. Eu sabia que ele escrevia e viajava com frequência. Nunca trocamos fotografias. No começo, aquilo me pareceu uma brincadeira; depois, transformou-se numa regra que nenhum de nós queria quebrar.

Com ele, eu conseguia admitir que tinha medo da mediocridade. Que às vezes recusava a ajuda dos outros antes mesmo que alguém tivesse a chance de oferecê-la, porque não queria ouvir mais uma vez que, sem o apoio de alguém, eu não chegaria muito longe. Norte não respondia com palavras de consolo. Fazia perguntas que eu preferiria evitar.

Na noite anterior, ele havia escrito:

Se você realmente quer fazer esse projeto, pare de esperar que alguém decida que você está pronta.

Só respondi pela manhã.

Hoje vou lutar pela minha própria radionovela. Não pergunte onde. Não quero dar azar.

Não vou perguntar. Mas, quando voltar, quero ouvir que você não entregou a ninguém o direito de decidir a sua história.

Agora, parada no corredor da rádio, li aquela mensagem mais uma vez. Sorri apesar do nervosismo. Norte tinha um talento insuportável para formular frases que ficavam comigo por mais tempo do que deveriam.

Guardei o celular e entrei na sala.

Havia umas doze pessoas sentadas ao redor de uma mesa comprida. Na parede, um monitor exibia o cronograma das atividades, e ao lado havia uma estação de áudio. Reconheci duas técnicas de emissoras locais e um produtor com quem já tinha trabalhado. Cumprimentei-os rapidamente e escolhi um lugar próximo à saída.

— Sandra? — chamou uma voz conhecida.

Virei-me. Magda, a coordenadora do workshop, estava junto à porta.

— Achei que você tivesse desistido.

— Por quê?

— Você não enviou a autorização para compartilhamento dos materiais.

— Porque não vou assinar daquela forma.

Magda suspirou.

— Eu sabia que teríamos problemas com você.

— Podemos chamar isso de cuidado com direitos autorais.

— Podemos. Mas Emil precisa aprovar seu projeto.

Franzi a testa.

— Emil?

— Jarosz. Autor de radionovelas. Ele conduz a parte de dramaturgia e escolhe os projetos para a apresentação final.

Eu conhecia aquele nome. Tinha ouvido várias produções dele, inclusive uma cujo final eu considerava brilhante, embora jamais fosse admitir isso em público. Emil era conhecido pelos diálogos econômicos e pela maneira como conseguia transformar um silêncio comum no momento mais importante de uma cena.

— E se eu não aceitar a licença compartilhada? — perguntei.

— Converse com ele. Começamos em dez minutos.

Magda se afastou, deixando-me com a desagradável sensação de que meu plano cuidadosamente preparado já precisava ser defendido antes mesmo de começar.

Abri o laptop. Na tela surgiu o projeto de uma sessão de edição com dezenas de faixas, gravações de respirações, passos e vozes. Levei o cursor até a cena final. Nela, uma

senhora idosa falava sobre o homem com quem se correspondia havia quarenta anos. Eles nunca haviam se encontrado. Quando ele morreu, ela herdou uma caixa de cartas.

Aquela gravação deveria ser o coração da minha radionovela.

— Um lugar interessante para colocar silêncio.

O homem que estava ao lado da minha cadeira apontou para um trecho da faixa em que eu havia deixado quase sete segundos sem nenhum som.

Levantei os olhos.

Ele devia ter trinta e poucos anos, cabelo escuro, as mangas de uma camisa grafite dobradas e o rosto de alguém que raramente dizia alguma coisa apenas para preencher uma pausa. Segurava uma caneca de café em uma das mãos; a outra descansava de maneira casual sobre o encosto da cadeira ao lado.

— Não é um espaço vazio — respondi. — É ali que a personagem toma uma decisão.

— Sem palavras?

— Nem toda decisão precisa ser dita em voz alta.

Ele me observou com um interesse mais atento do que simplesmente educado.

— E como o ouvinte vai saber que a gravação não terminou?

— Se eu tiver contado bem os cinco minutos anteriores, ele vai saber.

Um sorriso quase imperceptível surgiu em seus lábios.

— Uma suposição ousada.

— Prefiro suposições ousadas a explicar tudo três vezes.

Por um momento, ficamos nos olhando. Ele não desviou os olhos, mas também não tentou ocupar mais espaço do que eu lhe permitia. Notei uma pequena cicatriz perto de sua sobrancelha e a forma como ele ouvia minha resposta, como se realmente estivesse considerando o sentido daquilo que eu dizia.

— Emil Jarosz — apresentou-se.

Levantei-me.

— Sandra Wrona.

Ele apertou minha mão. Sua pele estava quente, e o gesto era firme, sem aquela autoconfiança exageradamente exibida que tantas pessoas confundiam com segurança.

— Vi o nome do seu projeto na lista. Gostaria de ouvir tudo.

— Desde que não tente mudar o meu final.

Ele riu baixinho.

— Não prometo.

Alguém o chamou da sala de controle. Emil virou a cabeça, respondeu um breve "já vou" e permaneceu mais um instante junto ao meu lugar.

— Uma pergunta, senhora Sandra. Por que justamente pessoas que nunca se encontraram?

Hesitei. Eu poderia ter dado a resposta preparada sobre a intimidade da comunicação digital, mas havia algo em seu olhar que faria aquilo soar falso.

— Porque às vezes é mais fácil dizer a verdade a alguém que não sabe como somos.

Emil ficou sério.

— E quando essa pessoa já sabe?

Não encontrei uma resposta imediatamente.

— Aí começa a parte mais difícil — disse por fim.

Ele assentiu, como se tivesse acabado de ouvir algo importante, e seguiu em direção à sala de controle.

Através das portas de vidro, eu o vi conversando com o técnico. Emil tirou o relógio, colocou-o ao lado da mesa de som e se inclinou sobre o monitor. Parecia completamente concentrado no que fazia. A segurança de seus movimentos me afetou mais do que eu estava disposta a admitir.

Meu celular vibrou.

Norte: E então? Conseguiu chegar aí sem fugir no último minuto?

Olhei para a mensagem, surpresa com a precisão da pergunta.

Sandra: Cheguei. Acabei de conhecer um homem que provavelmente vai tentar estragar o meu final.

A resposta veio alguns segundos depois.

Norte: Talvez ele só queira descobrir se você realmente sabe por que escolheu justamente esse final.

Levantei os olhos.

Do outro lado do vidro, Emil Jarosz colocou o celular sobre a mesa com a tela virada para baixo. Depois olhou na direção da sala. Nossos olhos se encontraram através de duas camadas de vidro e vários metros de corredor.

Eu não tinha motivo algum para relacionar aqueles dois acontecimentos. As pessoas liam mensagens e colocavam seus celulares de lado o dia inteiro. Ainda assim, durante alguns segundos, não consegui desviar o olhar dele.

Outra frase apareceu na tela do meu telefone.

Norte: Só não deixe que ele decida por você.

Dessa vez, não respondi.

Fiquei olhando para o homem atrás do vidro, que acabara de voltar sua atenção para a mesa de som, e me perguntando por que a voz de alguém que eu tinha conhecido poucos minutos antes me parecera estranhamente familiar.

E por que, pela primeira vez em muito tempo, eu desejei que alguém que conhecia minhas palavras mais verdadeiras tivesse coragem de conhecer também a mim.

Capítulo 1 - A voz do outro lado

O workshop começou com algo que eu detestava ainda mais do que diálogos mal editados: apresentações diante de um grupo de pessoas que fingiam memorizar os nomes umas das outras. Cada participante precisava contar o que fazia e por que tinha vindo a Bydgoszcz. Eu estava sentada perto da ponta da mesa, girando o crachá entre os dedos, ouvindo histórias sobre ambições profissionais, criatividade e a necessidade de buscar novas formas de expressão. Todos pareciam ter ensaiado seus discursos diante do espelho. Eu também tinha preparado três frases, mas, depois da conversa com Emil Jarosz, perdi a vontade de recitar qualquer coisa.

O instrutor se posicionou ao lado da tela e desligou a apresentação. Sem ela, parecia menos formal e, por isso mesmo, ainda mais interessante. Tinha trinta e quatro anos, como eu havia lido em sua biografia profissional, e aquela espécie de desenvoltura que geralmente só aparece quando alguém deixa de tentar provar seu valor para todo mundo. Não procurava impressionar. Quando um dos participantes passou vários minutos falando sobre as próprias conquistas, Emil ouviu pacientemente e depois perguntou que história aquele homem realmente gostaria de contar.

Fez-se silêncio.

— É exatamente por isso que estamos aqui — disse Emil. — Não me interessa o quanto vocês sabem falar sobre seus projetos. Quero saber se conseguem fazer alguém sentir vontade de ouvi-los.

Quando chegou minha vez, levantei-me sem consultar as anotações.

— Sandra Wrona. Trabalho com edição de som, principalmente em reportagens e documentários curtos. Trouxe um projeto sobre relações que existem exclusivamente por meio das palavras. Quero realizá-lo sem atribuir aos personagens emoções que eles não expressaram.

Emil se apoiou na mesa.

— E se as emoções forem mais importantes do que as palavras pronunciadas?

— Nesse caso, precisamos aprender a escutar o silêncio.

Algumas pessoas viraram a cabeça na minha direção. Emil esboçou um sorriso.

— Estou começando a suspeitar que vamos trabalhar muito bem juntos.

— Depende da sua definição de uma boa colaboração.

— Ainda vamos voltar a esse assunto.

Sentei-me, sentindo uma satisfação inquietante. Não porque tivesse conseguido chamar sua atenção, mas porque ele não havia menosprezado minha resposta. Nos últimos anos, eu conhecera pessoas demais que consideravam uma editora de som alguém encarregada apenas de eliminar ruídos, e não uma das criadoras da narrativa. Emil parecia compreender a diferença.

Depois da parte organizacional, Magda distribuiu o cronograma. O workshop incluiria seis semanas de trabalho em equipe, consultorias dramatúrgicas e uma apresentação final diante de representantes de várias emissoras e produtores independentes. Três radionovelas selecionadas teriam a oportunidade de continuar seu desenvolvimento em um programa de parceria. Não havia garantia de

transmissão, mas, para mim, era uma chance de finalmente sair da sombra dos nomes de outras pessoas.

O problema surgiu durante a explicação das regras.

— Os materiais utilizados na apresentação precisam ser disponibilizados à organização na medida necessária para a exibição e avaliação do projeto — explicou Magda. — As autorizações detalhadas serão assinadas antes do início do trabalho de produção.

Levantei a mão.

— E se o autor tiver contratos próprios com as pessoas gravadas e não puder transferir esses direitos?

— Analisamos esses casos individualmente.

— Não encontrei essa possibilidade no formulário.

Emil ergueu os olhos do cronograma impresso.

— Conversaremos depois da aula.

— Eu preferiria resolver isso agora, para que todos conheçam as regras.

Por um instante, ele me observou em silêncio. Não parecia ofendido.

— Tudo bem. A organização precisa de uma autorização limitada para a apresentação, não do direito de dispor da obra inteira. O formulário realmente está redigido de maneira ampla demais. Vou pedir uma versão corrigida.

Eu não esperava uma concessão tão rápida. Na verdade, já tinha preparado vários argumentos e agora não tinha onde utilizá-los.

— Obrigada — respondi.

— Não precisa agradecer por algo que deveria ser óbvio.

Não havia ironia em sua voz. Guardei aquela frase na memória mais do que toda a apresentação anterior.

Antes do intervalo, os participantes deveriam reproduzir trechos de seus projetos. O meu foi escolhido como o terceiro. Quando a voz da senhora idosa começou a sair dos alto-falantes, parei de observar a sala. Eu conhecia cada hesitação dela e cada rangido da cadeira. Passara tantas horas trabalhando naquela gravação que conseguiria reproduzi-la mentalmente sem precisar de fones de ouvido.

A mulher falava sobre a última carta recebida do homem que amara à distância. Disse que conhecia a maneira como ele colocava as vírgulas, mas nunca descobrira como era seu rosto quando ria.

Depois vinha o silêncio.

Sete segundos.

Ninguém se mexeu.

Quando a gravação terminou, Emil não acendeu imediatamente a luz.

— Esse silêncio é autêntico? — perguntou.

— Sim. Não o encurtei.

— Ótimo.

Apenas isso. Ainda assim, naquela única palavra, ouvi um reconhecimento de que precisava havia muito tempo.

Pouco depois, ele acendeu a luz.

— Tenho uma ressalva quanto à estrutura. Durante quase toda a história, o ouvinte conhece apenas um lado dessa relação. Não sei quem era o homem ausente. E não sei se a autora realmente quer que eu o conheça.

— Porque essa história pertence à mulher que ficou — respondi.

— Claro. Mas, quando você conta uma história sobre duas pessoas, não pode fingir que a segunda existe apenas na imaginação da primeira.

Era um argumento razoável. Justamente por isso me irritou tanto.

— Não pretendo inventar uma voz para ele.

— Não estou pedindo que invente. Estou pedindo que verifique se a ausência dessa voz é uma escolha artística ou uma maneira conveniente de evitar uma pergunta difícil.

Olhei para ele com atenção.

— Você sempre conversa assim com as pessoas?

— Assim como?

— Como se soubesse a resposta, mas quisesse que elas chegassem sozinhas até ela.

Por um breve instante, seu rosto assumiu uma expressão difícil de interpretar.

— Nem sempre sei a resposta, senhora Sandra.

Não continuamos a conversa. Magda anunciou o intervalo, e saí para o corredor com a sensação de que alguém acabara de tocar no ponto mais frágil do meu projeto.

Perto da máquina de café, peguei o celular. Havia uma mensagem de Norte esperando na tela.

Como foi o primeiro confronto?

Sandra: Encontrei um homem que acha que conhece minha história melhor do que eu.

Norte: Talvez ele tenha enxergado nela algo que você ainda não quer enxergar.

Apertei os lábios.

Sandra: Você sempre precisa defender o outro lado?

Norte: Só quando o primeiro lado é especialmente teimoso.

Balancei a cabeça. Ele me conhecia bem demais. Sabia que, quando eu usava a palavra "sempre", geralmente estava começando a ficar sem argumentos.

— Essa máquina engole moedas — comentou alguém atrás de mim.

Emil estava a alguns passos de distância, segurando sua própria caneca.

— Talvez esteja tentando reduzir o consumo de cafeína — respondi.

— Nesse caso, é mais responsável do que a maioria das pessoas deste prédio.

Ele se aproximou da máquina e apertou um botão que eu não havia notado. O aparelho soltou um ruído de protesto e depois começou a funcionar normalmente.

— Nem tudo precisa ser consertado à força — disse ele.

— Vou me lembrar disso. Pode ser útil durante nossas consultorias.

Ele riu. De perto, percebi alguns fios mais claros em seus cabelos escuros e uma pequena ruga que surgia perto do olho esquerdo. Tinha cheiro de café e de alguma coisa fresca, talvez cedro. Notei esses detalhes com uma precisão irritante.

— Posso sugerir uma coisa sobre seu projeto? — perguntou.

— Pode tentar.

— Vamos deixar a estrutura de lado por um momento. Gostaria que você reproduzisse os primeiros cinco minutos sem música e sem som ambiente. Apenas a voz.

— Por quê?

— Porque quero ouvir o que já existe ali antes de começarmos a acrescentar qualquer coisa.

Dessa vez, não encontrei motivo para discordar.

Quando voltamos à sala, meu celular vibrou novamente.

Norte: E lembre-se de que, às vezes, a resposta mais honesta é admitir que você ainda não sabe alguma coisa.

Li a frase duas vezes.

Emil parou junto à porta.

— Está tudo bem?

— Sim. Alguém está me dando conselhos que eu não pedi.

— Bons conselhos?

— Infelizmente.

Ele sorriu, mas logo ficou sério.

— Tome cuidado com pessoas que sempre sabem o que você deveria fazer.

— Por quê?

— Porque, mesmo quando estão certas, é fácil confundir a certeza delas com a sua.

Aquilo soou tão familiar que, por um instante, fiquei sem resposta.

O verdadeiro confronto aconteceu uma hora depois, quando Emil me chamou para uma consultoria individual em uma pequena sala de controle. O espaço comportava duas poltronas, uma mesa de som e uma janela enorme voltada para o estúdio de gravação. Sentamo-nos lado a lado, mantendo uma distância adequada, mas, ainda assim, o ambiente pareceu subitamente menor.

Emil abriu o arquivo do meu projeto.

— Quero propor uma mudança na maneira de conduzir a história.

— E eu quero manter o controle sobre o material.

— Uma coisa não exclui a outra.

— Depende do que você está propondo.

Ele deslocou o marcador na tela até o trecho em que a protagonista mencionava a primeira mensagem que havia recebido.

— Gostaria que, antes do final, o ouvinte escutasse algumas cartas autênticas. Não como uma reconstrução dos diálogos, mas como uma camada independente da narrativa. Poderíamos usar gravações antigas dessas leituras, se existirem, ou preparar uma leitura deixando claro que se trata de uma interpretação.

— Não tenho autorização para publicar correspondência privada.

— Eu sei. Por isso estou falando de uma possibilidade, não de uma solução pronta.

— E se a mulher recusar?

— Então encontraremos outro caminho. Mas precisamos perguntar a ela.

Virei-me em sua direção.

— Não vou pressioná-la só porque a comissão final precisa de um encerramento mais impactante.

Emil também se virou. Pouco mais do que a largura dos braços das poltronas nos separava.

— Não quero um final mais impactante para a comissão. Quero uma narrativa mais honesta. Existe uma diferença.

— Mais honesta para quem?

— Para o ouvinte. E para a sua protagonista.

Pela primeira vez naquele dia, ele abandonara o tratamento formal. Percebi imediatamente. Não o corrigi.

— Se vou tomar uma decisão dessas, preciso ter certeza de que ninguém usará meu material sem minha autorização.

— Você tem minha palavra.

— Sua palavra não é suficiente.

Ele ficou em silêncio. Não se ofendeu nem tentou me convencer com outro argumento. Simplesmente fechou o arquivo e afastou as mãos do teclado.

— Então vamos estabelecer as regras por escrito.

Foi somente naquele momento que comecei a ouvi-lo de verdade.

Durante nossa conversa, apareceu no monitor uma notificação da plataforma de comunicação que eu mesma usava havia anos. O ícone era característico: um pequeno microfone branco sobre um fundo azul-marinho. Emil fechou rapidamente a notificação. Eu não tinha motivo para me interessar por suas mensagens particulares, mas reconheci o aplicativo.

— Você também usa o Vozes Depois do Expediente? — perguntei.

Ele ficou imóvel por uma fração de segundo.

— De vez em quando.

— Achei que todos os profissionais já tivessem migrado para outras plataformas.

— Algumas pessoas gostam dos lugares antigos.

— Eu também.

Sorri, lembrando-me da primeira discussão com Norte.

— Uma vez, discuti com alguém por lá sobre o final de uma radionovela. Ele achava que a protagonista deveria ficar.

Emil não respondeu imediatamente.

— E você?

— Que ela deveria ir embora.

— E quem ganhou?

— Eu. É claro.

Ele inclinou a cabeça para trás, como se tentasse conter o riso.

— Naturalmente.

Havia algo tão familiar em seu tom que fiquei em silêncio.

— Qual pseudônimo você usa? — perguntei.

Ele olhou para a tela.

— Por que quer saber?

— Curiosidade.

— E você?

Durante dois anos, eu havia protegido aquela parte da minha vida dos desconhecidos. Não planejava revelá-la a um homem que conhecia havia apenas algumas horas. Ainda assim, de repente, senti vontade de verificar minha suspeita.

— Farol.

Emil ergueu lentamente os olhos.

Fez-se um silêncio diferente de todos aqueles que havíamos analisado juntos até então.

— Farol — repetiu.

— Conhece?

Em vez de responder, ele tirou o celular do bolso. Por um momento, ficou olhando para a tela. Depois colocou o aparelho entre nós, de modo que eu pudesse ver a conversa aberta.

Na parte superior aparecia meu pseudônimo.

Farol.

Logo abaixo estava a última mensagem que eu havia enviado a Norte.

Você sempre precisa defender o outro lado?

Foi como se alguém tivesse silenciado todo o ambiente de repente.

— Não — murmurei.

Emil permaneceu imóvel.

— Sandra...

— Não. Isso é impossível.

Durante dois anos, eu havia imaginado o homem do outro lado da tela de dezenas de maneiras diferentes. Mas nunca

o visualizara usando uma camisa grafite bem cortada, sentado ao meu lado diante de uma mesa de som.

— Norte? — perguntei quase num sussurro.

Ele assentiu.

Observava-me atentamente, como se esperasse uma reação que não conseguia prever.

— É você mesmo?

— Sim.

Soltei uma risada curta, mais por incredulidade do que por diversão.

— Conversamos quase todos os dias durante dois anos, e você passou metade do dia criticando meu projeto?

— Eu não sabia que você interpretaria dessa maneira.

— E como deveria interpretar?

— Como uma conversa entre duas pessoas que nem sempre concordam.

Era exatamente o tipo de coisa que Norte diria.

De repente, lembrei-me de todas as nossas conversas noturnas. Das frases enviadas às duas da manhã. Das confissões que nunca havia feito em voz alta. Dos momentos em que eu lhe escrevia sobre minha solidão e ele não tentava consertá-la imediatamente.

Agora aquele homem estava sentado ao meu lado. Eu podia ver suas mãos, ouvir sua respiração, perceber a tensão na linha de seu maxilar.

— Quando você desconfiou? — perguntei.

Emil hesitou.

— Suas palavras sobre escutar o silêncio... Depois você mencionou o fórum.

— Então foi hoje?

— Sandra, é muita coisa para nós dois assimilarmos.

Ele não respondeu diretamente. Naquele momento, achei que também estivesse tentando organizar os próprios pensamentos.

— Por que não disse nada antes?

— Eu queria ter certeza de que era realmente você.

Aquilo não soou inteiramente convincente, mas a situação era extraordinária demais para que eu começasse a interrogá-lo.

Durante algum tempo, permanecemos em silêncio.

— Sabe qual é a pior parte? — perguntei finalmente.

— Qual?

— Passei dois anos imaginando sua voz. E agora vou ter que corrigir tudo.

Ele sorriu devagar.

— É muito diferente da que você imaginava?

Olhei para ele. A voz quente, ligeiramente rouca, que eu ouvira desde o início do workshop, de repente adquiriu um significado completamente novo.

— Ainda não sei — admiti.

Emil afastou o celular.

— Podemos continuar conversando como antes.

— Não podemos.

Seu sorriso desapareceu.

— Por quê?

— Porque antes você não sabia como era meu rosto quando escondia alguma coisa de mim. Agora vou conseguir perceber.

Eu disse aquilo meio de brincadeira. Ainda não sabia o quanto aquelas palavras acabariam se revelando verdadeiras.

Capítulo 2 - Sem anonimato

Na segunda-feira de manhã, encontrei um e-mail de Emil Jarosz na minha caixa de entrada. Não de Norte. Do homem cujo sobrenome aparecia na assinatura profissional, ao lado de um número de telefone e do nome do estúdio.

O assunto dizia: "Entre as Frases — proposta de regras de colaboração".

Abri o anexo antes mesmo de tirar o casaco. O documento tinha quatro páginas. Emil havia detalhado o escopo das consultorias, o cronograma, a forma de compartilhamento das gravações e o procedimento de aprovação das alterações. A frase mais importante estava logo no início: os direitos sobre os materiais originais e a versão autoral definitiva permaneceriam comigo. A organização receberia apenas uma autorização limitada para utilizar trechos selecionados durante o workshop e a apresentação final.

Li aquilo duas vezes.

Na sexta-feira, depois de descobrirmos nossa amizade virtual, havíamos nos despedido em um clima tão constrangedor que, até tarde da noite, não consegui decidir se estava divertida, envergonhada ou irritada. Durante o fim de semana, trocamos apenas algumas mensagens. Nenhum de nós sabia como escrever para o outro agora que o anonimato, que nos permitira dizer praticamente tudo, deixara de existir.

Agora Emil havia enviado um documento que demonstrava ter levado minhas preocupações a sério.

Não havia nele nenhum comentário pessoal.